Ano 27.º — Sábado, 17 de Março de 1934 — N.º 1315

O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21

Composição e impressão
Tipografia Lusitania
Rua Eça de Queirós, n.º 3-AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e administrador
Manuel Alves Ribeiro

Toda a correspondência deve ser dirigida ao director

Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto—Agencia Havas

A falência do marxismo

A queda da social-democracia na Alemanha e na Austria são simples aspectos duma crise mais profunda--a do teorismo : : : : marxista : : : :

O que ha de essencial na teoria de Marx é a sua concepção dum mecanismo social constituido pelas classes, de cuja luta resultaria a transformação completa da sociedade.

O processo marxista é bastante conhecido: concentração dos meios de produção nas mãos dum pequeno numero de capitalistas que lutam entre si no mercado economico; unificação das nações e sentimentos no proletariado que vai crescendo continuamente; luta entre as duas classes fundamentais da sociedade; expropriação dos capitalistas que perdem a propriedade particularista dos meios de produção.

Com a noção da luta de classes liga-se a do determinismo económico ou materialismo historico, o que quere dizer que são os fenomenos economicos que determinam todos os outros.

As demais ideas de Marx, como a teoria do valor, a mais-valia, a concentração de capitais, etc., estão já para os seus partidarios num segundo plano.

Entretanto cabe preguntar: meio seculo depois da publicação do *capital*, que se verifica experimentalmente quanto ao valor das teorias?

A concentração dos capitais que se vem realisando, é certo, tomou por vezes uma feição que está longe de todas as previsões marxistas. De facto, em muitos países e particularmente na América do Norte, as economias dos operários ingressaram como capital—acções nas empresas industriais, tornando os operarios associados e interessados nas mesmas. Noutras partes interessou-se o operário pela participação do lucro. Duma forma ou outra, a luta de classes cedeu o logar á conciliação, á cooperação.

Por outro lado, estamos bem longe da concentração dos meios de produção nas mãos de meia duzia de detentores. Tendo-se operado, sem duvida, uma grande concentração industrial, verifica-se que o numero dos pequenos produtores independentes não diminuiu. Outro sim, entre as duas classes principais de Marx—os capitalistas e os proletarios—intercala-se, cada vez mais numerosa, a multidão enorme das profissões liberais, de infinitos intermediarios, pequenos comerciantes, agentes e emprezarios, multidão que, mais, muito mais do que o proletariado, exerce uma influencia decisiva nas sociedades modernas, sendo nestas categorias de individuos que se recrutam hoje os condutores dos Estados.

Se das cidades passarmos aos campos, aí as estatisticas afirmam rotundamente por toda a parte que é cada vez maior o numero dos pequenos e medios proprietarios e que é insignificante o proletariado rural que, se se não resigna á sua actual situação, aspira antes á propriedade individual do que á revolução socialisante.

Quanto ao materialismo histórico não vale negar que os factores economicos tem uma grande influencia na marcha dos acontecimentos sociais, mas é absurdo dar-lhes a primasia sobre os factores espirituais e psicologicos que são dominantes na experiencia de todos os sistemas politicos até hoje tentados. Nenhuma das grandes convulsões humanas que conhecemos eclodiu sem uma previa preparação espiritual. Assim o Cristianismo, assim a Revolução Franceza.

Porém, o supremo golpe no marxismo foi dado na Rússia, por mão dos proprios marxistas. As realisações de caracter socialista tentadas nos primeiros quatro anos do sistema levaram a Russia ao esgotamento. Foi preciso o retorno a muitas das fórmulas capitalistas—o pagamento do salário segundo mérito individual, o restabelecimento da hierarquia dentro das fábricas e emprezas, a permissão da existência do pequeno industrial e do pequeno comerciante, etc., etc.—para que a Russia se erguesse de novo como potencia económica de considerar.

E para que a falencia marxista, fosse completa a Russia Soviética de Staline renunciou á ideia da Revolução Mundial, entrando em entendimentos e compromissos com os paízes capitalistas.

J. C.

Outra vergonha...

—o—

Na cidade há muitas vergonhas, mesmo muitas, que o *bôbo* de vez enquando aponta. Agora descobriu ele outra: a da plateia do teatro!

Que é desconfortável e suja!

Pudéra! Se está acostumado ao luxo e ao confôrto do *Club dos 19* onde existe dinheiro a rôdos...

E quem o chamasse para... varrer a casa?

Efemérides

10 de Março

1908—Dá a sua adesão ao Partido Republicano o dr. Belo de Morais, lente da Escola Médica de Lisboa.

1911—Em homenagem ao falecido bispo de Vizeu, D. António Alves Martins, o liceu daquela cidade passa a ter o seu nome.

Grande escandalo

Em França descobriu-se há pouco um caso escandaloso em volta do qual se tem levantado a maior celeuma e que é conhecido pelo escandalo Stavisky. Pouco mais ou menos um Angola e Metrópole, com suicidios e assassinatos á mistura, constando agora que também estão nele compremetidos antigos embaixadores, condes, ministros, deputados, etc., etc.

Um nunca acabar de misérias sociais.

Hora de verão

O govêrno português pensou em adoptá-la, de novo, êste ano ordenando que os relógios se adiantem 60 minutos.

Como meio de arreliar as donas de casa não conhecemos outro.

Uma derrota

—o—

No campo de *foot-ball* de Chamartin, em Madrid, que domingo passado se encheu *á cunha* em virtude do desafio realisado entre as *équipes* espanhola e portuguesa, ficou esta derrotada pelo elevado *score* de 9—0!

Foi uma vergonha. Em todo o país se comenta o fracasso e se reprova a maneira como se constituiu a *équipe* lusitana para este encontro internacional.

Nós não somos futebolistas nem apreciamos êsse jôgo, que, todavia, conta inumeros adeptos entre nós. No entanto sentimo-nos tambem vexados deante do que se passou em Madrid, obrigando-nos essa circunstancia a fazer côro com aquêles que reclamam a intervenção do govêrno para que semelhante facto se não repita.

É que o brio nacional não pode nem deve estar à mercê de qualquer grupo dos muitos que existem para o pontapé na bola, mas aos quais falta tecnica, resistência, preparação, enfim, que é substituida por uma grande dóse de *chança*.

E isso dá mau resultado, como se está vendo.

Vêr a 4.ª página

O nosso aniversário atravez a imprensa

Do *Ecos de Cacia*:

Entrou em mais um ano de publicidade o nosso confrade *O Democrata*, de Aveiro, semanario republicano que vem nobre e intransigentemente defendo os sublimes princípios da causa popular, o que lhe tem custado as mais duras campanhas e as maiores deslialdades dos adversários.

27 anos de luta jornalistica sempre com altivez e inteligencia, é uma firmeza—é mais: é uma virtude!

Felicitamos o seu ilustre director sr. Arnaldo Ribeiro e tôdos os seus cooperadores, fazendo votos para que *O Democrata* atinja as maiores prosperidades.

De *O Concelho da Murtosa*:

«O DEMOCRATA»

Acaba de entrar no 27.º ano de publicação este bem redigido semanário de Aveiro, superiormente dirigido pelo desassombrado jornalista sr. Arnaldo Ribeiro.

O Concelho da Murtosa tem muito prazer em dirigir ao distinto colega as suas melhores felicitações.

De *A Opinião, de Oliveira de Azemeis*:

Entrou no seu 27.º ano de publicidade o nosso distinto colega aveirense *O Democrata*, jornal defensor do Estado Novo, superiormente dirigido pelo intemerato jornalista sr. Arnaldo Ribeiro.

Felicitâmo-lo.

De *O Povo de Pardilhó*:

O nosso presado colega *O Democrata*, de Aveiro, que sob a inteligente direcção do sr. Arnaldo Ribeiro se tem notabilisado na imprensa distrital pelas suas campanhas, festejou o seu aniversário jornalistico.

Desejamos-lhe muitas prosperidades.

De *O Povo de Ovar*:

«O DEMOCRATA»

Entrou no 27.º ano de publicação este nosso presado confrade aveirense, da direcção do sr. Arnaldo Ribeiro. Republicano histórico, pela Republica combateu sempre com denodo, conservando hoje a mesma combatibilidade a favor da actual situação politica.

Apresentamos-lhe as nossas saudações com sinceros votos pelas suas prosperidades.

Tambem a *Gazeta de Arouca* e o *Correio do Vouga*, desta cidade, nos felicitaram, pelo que a todos nos confessâmos gratos.

IMPRENSA

«O DEBATE»

Entrou no 13.º ano êste semanário local, dirigido pelo professor, sr. Castro Maia.

Cumprimentamo-lo.

«O MUNDO PORTUGUES»

Recebemos o primeiro número desta revista de cultura e propaganda, de arte e literatura, editada pela Agencia Geral das Colónias e pelo Secretariado da Propaganda Nacional que se destina á gente nova com o fim de lhe alentar a fé, o ideal patriótico, a esperança no grande futuro de Portugal, que os scépticos e os descrentes tentaram apagar.

O Mundo Português abre com um artigo do sr. ministro das Colónias, dr. Armindo Monteiro, seguindo-se outros do almirante Gago Coutinho, Alberto Osório de Castro, João de Azevedo Coutinho, Camilo Pessanha, Teófilo Duarte, José Ferreira Martins e Henrique Galvão, que, com as esculturas da Guiné introduzidas nas ultimas páginas, enriquecem a revista dando-lhe fóros de excelente, pois não conhecemos qualquer outra, no género, que se lhe assemelhe.

Recomendando-a particularmente aos que se interessam pelas coisas coloniais, aqui significâmos a quem a dirige, sr. Augusto Cunha, o quanto é digno de aprêço o esfôrço dispendido para a fazer distribuir pela maneira como se apresenta.

A principal característica do 28 de Maio

«A revolução foi nacional, isto, é, foi a expressão armada do protesto erguido por todas as correntes políticas, desde as mais avançadas até às conservadoras, contra a horda que nos explorava. A sua preparação foi devida á atitude energica e obstrucionista assumida pelas oposições parlamentares e pela imprensa republicana anti-governamental, tende sido até 'O Mundo' o primeiro jornal que levou a todo o país o apêlo á insurreição em prol do prestigio da Lei, perigosamente espesinhado».

. . . .

«Em conclusão: a revolução foi nacional, isto é, foi a conjugação dos esforços de todos os partidos e de todas as classes, contra uma clientela que tem expoliado a Nação e enlameado a República».

(Do diário *O Mundo*, de 1 de junho de 1926.)

Comercio local

—o—

Durante o periodo da Feira de Março todos os estabelecimentos que assim o desejarem poderão abrir duas horas antes e encerrar duas horas depois das estabelecidas nas leis que regulam o trabalho, isto em conformidade com o que se fez já nos anos anteriores e abrangendo as padarias, que tambem podem encerrar duas horas mais tarde.

E' justo.

Sacrilégio

—o—

Os espanhois continuam á bulha uns com os outros, não se entendendo politicamente. Estão exactamente como nós antes de 28 de Maio. A desordem aumenta de dia para dia e já nem há respeito pelos mortos, visto comunicarem de Barcelona que um grupo de desconhecidos foi ao cemitério e tentou lançar fogo ao tumulo de Maciá!

As centenas de corôas, montões de flores e fitas que se encontravam em volta do sarcofago tudo foi destruido, levando os incendiários consigo, ao porem-se em fuga, uma bandeira catalã—que não quizeram queimar.

O cumulo da selvageria.

Êste número foi visado pela Censura

Almirante Canto e Castro

Morreu em Lisboa com 72 anos de idade o prestigioso oficial da nossa Armada, que, em dado momento, exerceu uma acção decisiva na vida da Republica, salvando-a no meio da confusão politica a que deu origem o assassinato de Sidónio Pais.

Como é sabido, o almirante, por distinção, Canto e Castro, foi o chefe de Estado eleito opós a tragédia, tendo-se conservado no cargo até Outubro de 1919 em que transmitiu os seus poderes ao sr. dr. António José de Almeida. E com tanto aprumo exerceu a delicada missão, êle, que nunca fôra politico; e com tanto patriotismo honrou o juramento feito de fidelidade á Republica, que, nêste momento, nenhum republicano deve deixar de curvar-se ante o cadáver do ilustre marinheiro para lhe agradecer, mais uma vez, a coragem com que enfrentou a guerra civil, prestes a desencadear-se, dominando as paixões e indo ao encontro dos inimigos do regimen para os esmagar.

O Democrata cumpre êsse doloroso dever.

Exposição de arte

—o—

O pintor nosso conterrâneo Lauro Córado expoz ali, no Museu, alguns dos seus últimos quadros, que nos dizem ter sido muito apreciados pelas pessoas que os fôram vêr.

Como a êste jornal só foi dado conhecimento do certamen tarde e a más horas—o que, aliás, costuma acontecer com outras coisas que devиam ter larga publicidade—segue-se que não podêmos acrescentar mais á notícia por nada termos visto dos trabalhos de Lauro Córado.

Uf!

—o—

Findou a 2.ª série da *Vida do Cristo*. Que coisas extraordinárias nela se narram!

Até mete cavalaria!

Vai principiar a 3.ª.

A vêr, senhores, a vêr a 3.ª série das *Notas* — que nunca mais acabam!...

A viagem á India

—o—

O aviador Carlos Bleck, tendo adoecido, desistiu de regressar a Portugal no seu aparelho.

É pena.

A Primavera

—o—

Estamos próximo a entrar na estação mais linda do ano. Pouco falta. Só resta saber se a acompanhará aquela temperatura que ansiâmos substitua a incómoda geleira do inverno.

É que anda toda a gente tão farta de frio...

Comando da Polícia

—o—

(Secção de Beneficencia)

MOVIMENTO DE FEVEREIRO

Receita

Saldo do mez anterior..	865$62
Oferta do sr. capitão-veteriaário José Pinto Portugal..............	1.350$00
Receita dos subscritores..	1.731$50
Soma....	3.947$12

Despêsa

Passagem dum mendigo para V. N. de Gaia..	6$00
Distribuido aos pobres..	2.130$00
Soma....	2.136$00
Saldo para Março..	1.811$12

Novo barco de guerra

—o—

É hoje lançado á água em Lisboa o aviso *Pedro Nunes*, construido no Arsenal da Marinha.

Ao acto deve assistir o Chefe do Estado e o Govêrno.

Eis mais um motivo que a nação tem para se regosijar.

Pombo correio

—o—

Pelo sr. António Simões Jorge, da Taipa, freguesia de Requeixo, foi encontrado morto numa sua propriedade um pombo correio com duas anilhas de borracha, nas quais se liam o n.º 916 e outras duas de aluminio com as seguintes inscrições: numa, A. Ferreira—Pôrto; na outra, Portugal—30—61.347.

O Democrata *vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO.*

A noção do trabalho no Estado Novo

Cap. III do Est. do Trabalho Nacional

Sem um poder que oriente superiormente a vida económica e social, o equilibrio desta não é possivel. Assim o provou a experiência do liberalismo económico. Os homens, vontades livres que são, fácilmente abérram do justo, do moral—no encalço do egoismo materialista. A solidariedade social, quando aceite só como uma necessidade material, a que não desobdecêmos senão quando desobedecer-lhe nos prejudica de perto, é uma solidariedade sem nobreza, indigna de homens. A economia corporativa, nos moldes de justiça e de moral em que o Estado Novo a vazou, vem lembrar aos portuguêses—que mesmo na satisfação das necessidades materiais, do tempo e para o tempo—são homens; e homens que colaboram uns com os outros, na unidade-pátria de que são filhos.

Com o Estatuto do Trabalho Nacional (Cap. III) o Estado Novo, que o promulgou, coloca o trabalho na sua posição de mérito, ignorado da economia liberal, e, por conseguinte, reconhece solenemente ao trabalhador a sua dignidade de homem.

O trabalho é um dever social. Quem a êle se furta (a lei o dà a entender pela sua definição de trabalho), posto que o trabalho não seja, em regra, uma coacção da Lei—não merece da sociedade em que vive. Ou, acaso, algum de nós, vivendo em sociedade, tem o direito de viver do trabalho dos outros, parasitáriamente?!

Se o trabalho é um dever imposto ao mesmo tempo pela natureza e pela solidariedade social, e esta, base natural da vida em sociedade,—vontade nenhuma, particular ou publica, pode negar ao homem o direito ao trabalho—o direito de pôr em prática, por qualquer das formas legitimas, o dever social do trabalho.

A lei, de harmonia com a bôa doutrina, garante o direito ao trabalho, mas, como ela diz—*sem prejuiso da ordem económica, jurídica e moral da sociedade.*

O direito ao trabalho, como qualquer direito, fundado directamente ou na natureza humana ou na lei, por isso que se exerce em sociedade, tem de obedecer, no seu exercicio, aos superiores interêsses desta; senão alimentávamos o individualismo puro, naturalmente violento e perturbador do equilibrio social.

Haverá trabalhador que, apelando para a sua razão natural, livre de preconceitos de doutrina, não vêja que, sem um poder directivo, sério, que mande em nome do bem-comum, e vontades, sérias tambem, que, respeitando o mesmo bem-comum, obedeçam áquele poder, o equilibrio social não é possivel?!

O pobre que não tem outro meio de subsistência senão o trabalho, é de justiça ser remunerado de maneira a conservar a sua vida e a do seu lar no nivel digno da natureza humana. O envilecimento do salário por ser considerado apenas um valor de coisa, atirava com o trabalhador e a sua familia para a miséria material; e desta à miséria moral ía um passo, sabido como o homem se degrada na vida de miséria. A' economia corporativa do Estado Novo não escapou esta verdade, e, dentre outros beneficios que garante à pessoa do trabalhador, mereceu-lhe o salário uma disposição da lei a afixá-lo naquele mínimo, «correspondente à necessidade de subsistência», sem o qual o trabalhador não pode viver, e ao qual o patrão, é *moralmente*, obrigado.

Escusado é dizer que êsse mínimo não obedece, porque não pode obedecer, na sua determinação concreta, a uma regra única, pre-estabelecida; mas nem por isso a disposição legal deixa de têr o seu alcance eficaz, qual é o de reconhecer e garantir ao trabalhador o direito ao salário *humanamente suficiente*, direito que a lei não deixará sofismar na prática.

Saibam o trabalhador e o patrão elevar-se á moralidade das disposições legais do Estatuto referido, para a verdadeira pacificação dos espiritos em Portugal.

Notas Mundanas

Aniversários

Fez ontem anos o sr. João Soares. Hoje fa-los o sr. dr. Manuel Marques Damas, professor da Escola Industrial e Comercial Fernando Caldeira; ámanhã, a sr.ª D. Maria Emilia Machado da Cruz, gentil filha do sr. dr. Manuel Rodrigues da Cruz, tenente-coronel medico; o nosso velho amigo João Pinho das Neves Aleluia, da acreditada Fábrica Aleluia e o filho Alfredo do sr. tenente Alfredo de Brito, residente no Porto; no dia 19, as sr.as D. Candida das Dores Duarte Peixinho, esposa do sr. Jerónimo Peixinho, residentes em Lisboa e D. Aida de Melo Brito, filha do sr. António Constantino de Brito, proprietário da Farmacia Central, de Valadares; a gentil tricaninha Aurea Ferreira, filha do sr. João Pedro Ferreira e os srs. tenente José Reinaldo Oudinot, José Augusto Martins Taveira e António José Nunes Rangel, em tratamento no Hospital Maritimo; em 22, o capitão de Mar e Guerra sr. Silvério da Rocha e Cunha, e em 23, o sr. Manuel Pires Ferreira e a menina Maria Helena, filha do sr. Manuel Faria de Almeida, empregado na filial do Banco N. Ultramarino de Lourenço Marques (Africa Oriental).

Casamentos

Efectuou-se no ultimo sabado o casamento civil de Margarida da Apresentação Costa com o nosso amigo António Augusto da Silva, mestre de Obras da Junta Autonoma da Ria e Barra de Aveiro.

Testemunharam o acto a sr.ª D. Maria José Pereira Branco e o sr. Firmino Fernandes.

—Na terça-feira igualmente se realisou o enlace da sr.ª D. Fernanda Augusta Cardote Freire, irmã do sr. Manuel Cardote Freire, actualmente em Vila Luso (Africa Ocidental) com o sr. Manuel Nunes Freire Quaresma, empregado nas O. Publicas em S. Tomé.

Serviram de padrinhos a irmã do noivo sr.ª D Benilde Nunes Freire Quaresma, professora oficial no distrito do Porto e o sr. Eduardo da Silva Gaspar, funcionario dos correios e telegrafos nesta cidade.

Muitas felicidades.

—Civilmente também ante-ontem se consorciou a sr.ª D. Armanda Lourenço da Costa, com o sr. Eduardo Ala Cerqueira, pagador das O. Publicas na Guarda.

Os recem casados seguiram no mesmo dia para aquela cidade, onde fixaram residencia.

—Pelo sr. José Francisco Ramalho foi pedida para seu filho, o empregado comercial sr. Américo Ramalho, a simpática tricaninha Alexandrina da Silva, residente em Esgueira.

O enlace efectuar-se-á brevemente

Partidas e chegadas

De passagem para Lisboa, onde passa a residir por virtude da sua recente promoção a consul, esteve domingo nesta cidade, com sua dedicada esposa, o nosso presado amigo Mario Duarte (filho) que teve afectuosa despedida em La Guardia, e foi alvo duma carinhosa manifestação á passagem na praia de Ancora onde a classe piscatoria se juntou para agradecer todas as atenções e beneficios recebidos do distinto funcionario.

Doentes

Tem passado bastante encomodada de saúde a sr.ª D. La-Salette Ferreira da Maia, professora oficial na Glória e irmã do sr. dr. Francisco Ferreira da Maia, professor do Liceu de José Estevão.

—Continua em tratamento no Hospital da Misericordia o acreditado ourives sr. Manuel Fernandes Vieira Junior, cujo estado é pouco satisfatorio.

—Em Eixo tem obtido algumas melhoras o sr. tenente-coronel David Rocha, a quem o clinico sr. dr. Dinis Severo está tratando com todo o desvelo.

Desejamos a todos completo restabelecimento.

"A nossa Escola,,

=o=

Comunicam-nos os professores de Ilhavo que trouxeram ao Teatro Aveirense a peça com o título da epígrafe, que da primeira récita foi entregue ás cantinas escolares desta cidade a importância de 1.042$00.

E' para agradecer.

Exposição canina

=x=

Está publicado o programa da 6.ª Exposição Canina Internacional de Lisboa, que terá logar em 5 e 6 de maio do corrente ano.

Dr. Lucio Vidal: não esqueça o cão de fila que nós sabemos...

Faz figura e ganha o prémio pela certa...

ACTIVIDADE ADMINISTRATIVA

Durante muito tempo a preocupação dos corpos administrativos foi a de servirem uma politica de interêsses eleitorais, descurando as questões de interêsse local que lhes cumpria zelar e resolver. O municipalismo, que assenta nas razões históricas da nossa formação nacional, perdera com o liberalismo as suas funções de representação politica no Estado, sacrificada ao endeusamento do individuo.

Mantendo-se-lhe a regencia de algumas actividades administrativas nem por isso na própria constituição e funcionamento da corporação deixaram de projectar-se os mesmos vícios e defeitos do sistema parlamentar.

Foi bastante que se suprimisse o processo anárquico dá constituição dos corpos administrativos, subtraindo-se á influência dos partidos politicos organizados, e se colocassem nêsses postos individualidades que levavam a idea exclusiva de bem servirem o interêsse público, para que numa mutação rápida a vida administrativa, municipal e distrital realizasse uma obra extraordinária de saneamento de costumes, de progressos materiais que ficam a atestar um dos maiores beneficios produzidos pela Ditadura, de regularização e ordem das finanças locais. Serviram bem as Comissões Administrativas.

Considerado de tranzição o período em que tão importante aproveitamento coube aos povos de todo o território nacional, desde as grandes cidades até ás mais obscuras aldeias, far-se-á suceder a essa tutela necssária uma representação organica dos interesses vitais dessas divisões nacionais O objectivo foi alcançado com a demonstração de que não é o regime dos partidos que serve os interêsses do pôvo nos seus agregados autárquicos, como o não serve entregando-se o Estado a um grupo dominante. Depois de ser posta a casa em ordem e se radicarem conceitos elevados de moral administrativa, já não será possivel voltar-se ao predominio dos personalismos e dos concluios de interêsses privádos.

Por êsse país fóra a actividade municipal revela um sentido novo das obrigações morais que assumem os que têm a honra de ser chamados a desempenharem funções de representação pública.

Alem do escrúpulo e inteligêncía com que tem sido levada a cabo essa obra administrativa, têm entendído, e bem, muitas corporações dar público conhecimento detalhado da sua acção. Não se trata, como muitos pensam, de fazer valer os serviços prestados para que se destaquem os que os prestam. Quem trabalhou bem, cumpriu o seu dever, e, se o não fizesse, mereceria censura. É êste o estilo novo.

A publicação de memórias e relatórios de serviços serve para criar a confiança dos administrados, que devem sentir-se satisfeitos por lhes ser dada conta do que é património colectivo seu. Fica tambem para documentar uma época.

Entre muitas publicações dessa natureza que vão aparecendo, veiu-nos recentemente á mão o relatório da visita que fêz o Presidente da Junta Central Autónoma de Angra do Heroísmo ás Ilhas de S. Jorge e Graciosa em setembro do ano findo.

Como é sabido, alguns distritos insulares regem-se, por razões derivadas da sua situação geográfica, com autonomia administrativa. Este regime, estabelecido há cêrca de 30 anos, foi ampliado em 1928, entregando se ás Juntas Gerais dos Distritos os serviços dependentes dos Ministérios do Comércio e Indústria, Agricultura e Instrução e os dos Govêrnos Civis, polícia, saude, assistência, previdência, com excepção dos correios e telégrafos, os meteorológicos e de fiscalização do ensino. Para ocorrer ás respectivas despesas são entregues ás Juntas as contribuições directas do Estado, recebendo êste apenas uma indeminização pela cobrança, e suprindo quando necessário a sua insuficiência.

Foi no exercicio das vastas atribuições que pertencem á Junta Geral Autónoma que o seu Presidente realisou essa visita, fazendo-se acompanhar pelo Director interino de Obras Públicas.

Não podemos dar um resumo, mesmo sucinto, do relatório, que merece ser lido por quantos se interessam por êstes assuntos. Ele oferece uma vista panorâmica da actividade económica-administrativa daquelas ilhas, que tão pouco conhecidas são dos portuguêses do continente.

O relatório mostra o que se fês, o que se está fazendo e o que se pensa ou deve fazer. Veem, naturalmente, os contrastes com os processos anteriores de administração. Referindo se ás estradas da ilha de S. Jorge, encontradas pela Ditadura em miseravel estado, observa que o pouco que havia era insuficiente, por que se começava em vésperas de eleições para logo se interromper. Só ha pouco mais de um ano se recomeçou a trabalhar a valer nas estradas, graças ao subsidio de 1.500 contos concedido pelo Estado. Na Graciosa, da estrada para o farol da Ponta da Barca, iniciada em 1904, construiram-se 1250 metros e só em 1925, na véspera de eleições, se construíram mais 250, e por aí ficou.

Carapacho é uma estação terapeutica que possui águas medicinais, tidas pelas mais ricas das aguas cloretadas portuguêsas. Tem um balneário que é uma vergonha. A água é transportada em poles para as banheiras... A sua construção foi iniciada ha mais de 40 anos. Só em 1931-32 se recomeçaram os trabalhos de conclusão.

São examinados minuciosamente os diferentes aspectos das principais actividades das ilhas, na parte que se refere á acção que sôbre elas ao Estado cumpre exercer: lacticínios, agricultura, pecuária, instrução, arborisação, etc.

Fica bem patente o interêsse que ás autoridades públicas merece o progresso e bem estar dos povos que administram.

E' por isso que se tem como relevante e digno de ser imitado o dar-se conhecimento dêstes factos da acção administrativa que revelam o espirito que anima a politica do Estado Novo.

Secção desportiva

Basket-Ball

F. Militar 21--Internacional 5

Por carencia de espaço não nos referimos a êste encontro efectuado no penultimo domingo, no Campo do Parque, entre o cinco de honra do *Internacional Átlético Club*, reforçado com elementos do actual campeão distrital—*Cinco Escolar José Estevão*—e igual categoria da *Fraternidade Militar*, que alcançou uma retumbante vitória.

No primeiro meio tempo da partida os militares mais uma vez revelaram as suas qualidades, notando-se da parte dos jogadores do club verde-branco uma falta de combinação muito notória. O trio avançado militar embora com um dos seus melhores elementos substituido á própria da hora por motivos imprevistos, denotou mais técnica no seu conjunto e mais actividade nas jogadas. Os avançados do *I. A. C.*, um pouco indolentes, foram, por vezes, infelizes nos lançamentos. Os defezas militares trabalharam com alma a-pesar-do seu trabalho não se tornar tão apreciável por os avançados terem cumprido bem a sua missão. Os defezas verde brancos agiram pessimamente, podendo atribuir-se a êles a sua derrota. Terminou esta parte com o resultado de 10-0 a favor da *F. Militar*.

O segundo meio tempo começou sem entusiasmo, notando-se, minutos depois, uma nitida reacção da parte dos verde-brancos. a quem a assistencia encorajou, de nada lhes valendo em virtude da superioridade do adversário ser manifesta. Nesta parte houve mais precipitação não obstante se ter aproveitado um lance livre de parte a parte—caso digno de reparo—o que não se conseguiu, ou por nervosismo ou por infelicidade, no meio tempo antecedente.

Pela *F. Militar* alinharam: Licinio e Vasco; Ferreira, Nobre e Reis e o *I. A. C.* apresentou a seguinte constituição: A. Ferreira e Pilar Gomes; Neto, Laranjeira e A. Pinheiro.

A arbitragem foi confiada ao sr José Diogo, do *Fluvial*, do Porto.

GERSEY

Vasco da Gama--F. Militar
Escola Comercial--Oliveirense

Como fôra anunciado compareceram em campo, no domingo, os *cincos* do *Vasco da Gama* e da Escola Comercial, que por falta dos respectivos adversários—*Fraternidade Militar* e *Oliveirense*—marcaram os pontos das victórias.

Consta-nos, no entanto, que a Associação avisou particularmente a *F. Militar* para não comparecer. Mas os dois grupos que compareceram e os arbitros escolhidos não foram avisados.

Está, portanto, armada uma carrapata que só veio prejudicar os clubs faltosos, visto que nada ha que possa, em bôa razão, tirar as vitórias ao *Vasco da Gama* e á Escola Comercial.

Vamos a vêr o que resolve a Associação sobre o assunto e se chega a descobrir-se o culpado da situação creada.

Pelo visto a organisação do campeonato promete coisas lindas...

J.

Pedestrianismo

Realisou-se tambem, no mesmo dia, o pouco réclamado *cross*, de organisação *I. A. C.*, para disputa do *Bronze João Sarabando*.

Concorreram apenas cinco *équipes*, sendo quatro do club organisador e uma do *Anadia Foot-Ball Club*, que saíu vencedora, ganhando aquêle trofeu.

De lamentar é a atitude tomada pelo *Internacional* recusando a inscrição do *Club dos Galitos*, não sabendo nós se com motivo plausivel ou não; e o procedimento de certo desportista daquêle club tentando convencer os elementos da *équipe* de Cavalaria 8 cuja inscrição não foi aceite por ter sido feito fóra do praso, para, na véspera, se inscreverem pelo *I. A. C.* declarando que seria aceite a sua inscrição.

Simplesmente edificante... Para se inscreverem por Cavalaria 8 estavam fóra do praso, mas para correr pelo club organisador não era preciso essa formalidade!

Moralidade... ao gosto dos leitores.

F.

Livros

«SEVER DO VOUGA»

Com amavel dedicatória do seu autor, sr. José Luciano de Figueiredo Lobo e Silva, abade de Pessegueiro do Vouga, recebemos a segunda edição, rectificada, do seu livro de cronicas, produções, monumentos, costumes, lendas e paisagens, que tem o titulo da epigrafe e é um estudo completo sobre a região do Vouga, escrito com elegancia, acerto e profundo conhecimento de tudo quanto nela se destaca, sendo digna de vêr-se.

Explica o sr. Lobo e Silva que a publicação do seu livro, além de ser uma homenagem á terra que lhe foi berço, tinha a recomenda-la o seu regionalismo, Está certo, visto nele se fazer a historia do concelho e se divulgar todas as suas belésas, que são muitas e variadas, como Já tivemos ocasião de constatar, percorrendo-o embora só em parte. Mas o resto tambem havemos de visitar um dia, mórmente ágora que pela leitura do livro do sr. Lobo e Silva nos é dado adquirir conhecimentos preciosos ácerca do que Sever do Vouga contém a dentro dos seus dominios.

Ao sr. abade Lobo e Silva muito reconhecidos pela gentilêsa da oferta com que quiz distinguir este jornal.

Correspondencias

Oliveirinha, 15

Veio a esta freguesia fazer uma conferencia sobre a cultura da batata, que tanto se intensificou entre nós, o sr. Ernesto Bravo, do Porto, a quem os nossos lavradores ouviram com a devida atenção, enchendo, por completo, a sala da escola.

— As ultimas chuvas beneficiaram extraordinariamente as terras, que estavam ressequidas.

Deus permita que o ano agricola se não perca e venha em auxilio do lavrador, a braços com uma crise pavorosa.

— Em virtude do vinho não ter saída alguns viticultores resolveram vende-lo ao copo para deste modo despejarem as adegas.

E' uma solução.

C.

Taipa, 14

O novo decreto publicado sobre a graduação alcoólica dos vinhos veio entristecer ainda mais os lavradores desta região, que assim ficam privados da venda dos seus vinhos por só atingirem uma média de 8 gráus, quando só com 10 é permitido vender no concelho de Aveiro.

O sr. Governador Civil, tendo recebido há dois mezes uma comissão da freguesia de Requeixo que lhe foi falar no assunto, respondeu-lhe haver feito ás instancias superiores o pedido para que a graduação alcoolica dos vinhos no nosso concelho não excedesse 8 graus. Vê-se, porém, que não foi atendido.

Ao sr. dr. Lourenço Peixinho, presidente da Camara, compete também interessar-se pelo assunto visto o prejuizo que acarreta para o municipio o encerramento das tabernas, que fatalmente teem de ir para êsse caminho.

—Teem estado doentes a esposa do sr. Atanásio de Carvalho, de Requeixo, e a menina Florentina Lopes, dêste logar, á qual um ataque privou da fala durante 48 horas.

Desejâmos as melhoras de ambas.

—As ultimas chuvas beneficiaram imenso a agricultura. Mas para os poços ainda foi pouca.

C.

Necrologia

Fernando Pimenta

Só agora soubemos da morte, na sua casa de Bilela, proximidades de Coimbra, do distinto farmaceutico pertencente ao curso de 1900-1901 e que era um dos mais entusiastas pelas reuniões que vinha efectuando de anos a anos como prova de amiga solidariedade entre os condiscipulos. Espirito jovial, onde estivesse Fernando Pimenta estava a alegria, como ainda há dois anos o demonstrou no *assalto ao castelo* do condiscipulo Manuel José da Fonseca Faria, na Figueira da Foz, nada fazendo prever que tão proximo estivesse do fim da vida, que tão cêdo a Morte o afastasse do convivio do mundo.

Por alguns colegas no-lo terem comunicado sabemos que Fernando Pimenta deixou saudades no seio da classe farmaceutica, mas principalmente entre os que, em Coimbra, o tiveram por companheiro de estudo e com ele conviveram de perto, apreciando-lhe as qualidades. Incluindo-nos no número destes, aqui lhe traçâmos, como homenagem, estas poucas linhas, que, embora tardias, dizem também do sentimento com que recebemos a triste notícia.

Dr. Albano Pereira

Quando na pretérita sexta-feira, de tarde, tinhamos o jornal prestes a entrar na máquina, outra dolorosa notícia veio até nós, transmitida, de chôfre, por estas palavras: morreu, repentinamente, em Agueda, o dr. Albano Pereira dos Santos, cujo enterro deve estar a realisar-se.

Com efeito o desenlace havia-se dado, mas já na véspera.

O médico distinto, que era o dr. Albano Pereira, estivera no seu consultório do lado da manhã. De tarde, porém, sentindo-se encomodado, sua esposa mandou chamar, aflita, os drs. António Brêda e Mateus Barbas enquanto o doente reclamava um notário para lhe ditar as suas últimas vontades. Aos primeiros disse:

—A ideia da morte não me preocupa muito; mas, francamente, o que eu estimaria deveras era morrer sem sofrimento.

Os seus colegas, todavia, animavam-no, verificando, a cada instante, a regularidade do pulso, não obstante esta recomendação feita ao notário:

—Anda depressa, se não já não há tempo...

Com efeito, com dolorosa surprêsa dos presentes, Albano Pereira, concluido, com tôdas as formalidades, o testamento, expirava, consoante o desejo manifestado, isto é—sem sofrimento.

Veste de luto a vila de Agueda pela perda de um dos seus filhos mais dilectos. Tendo-se formado pela Escola Médica do Pôrto em 1903 depois de fazer os preparatórios no liceu de Aveiro, onde fômos companheiros, o dr. Albano Pereira exerceu, durante um ano, clínica em Vagos, passando, após esse período de tempo, á sua terra donde nunca mais saíu para prestar ao concelho os muitos e assinalados serviços que nele se registam devido ao seu labor, á sua inteligência e á sua bondade.

Encontrando-nos, há meses, com o dr. Albano Pereira numa festa para que haviamos sido convidados, foi com grande aprazimento que recordámos os tempos antigos da nossa mocidade estando capazes de levar a noite inteira a conversar. Não podia ser. E então despedimo-nos com um abraço muito apertado, já bastante tarde. O último abraço; o abraço da separação—para sempre. Quem o havia de dizer?!

A' viuva do malogrado amigo, como a seus filhos, como a seus cunhados srs. Francisco e António de Sousa Carneiro enviamos daqui as nossas sentidas condolências, já que impossivel se torna cicatrizar a ferida aberta com a perda do ente querido.

* * *

Com 95 anos acabou seus dias no ultimo sabado a sr.ª Joaquina de Oliveira, que não obstante a avançada idade, dirigiu a sua casa até á vespera do falecimento.

A bondosa velhinha, que morava na Rua de Sá e teve um funeral concorrido, era avó dos srs. António Tavares de Sousa e Domingos Magalhães, este ausente, há anos, no Rio de Janeiro (E. U. do Brasil).

* * *

Com bastante idade também faleceu quinta-feira a sr.ª Elvira Rosa da Cruz, viuva, e mãe do sr. José da Cruz Novo.

O seu funeral realizou-se ontem da capela de S. Gonçalinho para o cemitério central.

* * *

No bairro piscatorio faleceu, igualmente, segunda-feira, vitimado por uma bronco-pneumonia, o sr. António da Costa Junior. Tinha 51 anos de idade e a sua morte foi assaz sentida pelas simpatias que gosava e fizeram com que fosse elevado o numero de pessoas que o acompanharam á ultima morada.

* * *

Em Lisboa igualmente deixou de existir, na terça-feira, o sr. José Maria Soares, de 67 anos de idade e que há meses havia sofrido um rude golpe com a morte de sua esposa.

Era pai do nosso amigo sr. dr. Francisco António Soares, distinto clinico, residente nesta cidade, e do sr. engenheiro Zeferino Soares e sôgro dos srs. capitão Felizberto Tavares e José Barbosa.

O seu funeral, largamente concorrido, efectuou-se no dia seguinte, saindo da sua residência da Calçada do Marquês de Abrantes para o Cemitério do Alto de S. João.

* * *

Em Esgueira sucumbiu anteontem, após prolongado sofrimento, a sr.ª D. Leonor Seiça Neves, de 35 anos, esposa do sr. dr. Manuel das Neves, advogado nesta comarca.

O cadáver da extinta, que deixa seis filhos menores, foi ontem sepultado civilmente no cemitério daquela localidade.

Aos doridos apresenta *O Democrata* as suas condolências.

Liga Portuguesa de Profilaxia Social

PERDIGOTOS

Os perdigotos são responsáveis pela transmissão de muitas doenças.

Teus micróbios, meu amigo, guarda-os contigo!...

Assim reza um cartaz de propaganda referente ao perigo dos perdigotos lançados ao tossir e ao falar e a necessidade de os evitar.

Há muita gente descuidada, que não sabe falar sem se aproximar do ouvinte; há outra que, até a distancia, lança, como projecteis, goticulas de saliva; outra, ainda, (esta mais perigosa e intolerável) agarra a pobre e indefeza vítima, despejando sôbre o seu rosto e roupa salpicos de todos os tamanhos, desde os minusculos até aos pingos respeitáveis.

Ora, êsse sestro é, além de indelicado, pernicioso, devendo por isso, ser combatido a todo o transe, advertindo os reincidentes com a frase rispida citada antes: *teus micróbios... etc.*

Tivemos ocasião de presenciar, certa vez, a aflitiva situacão de mau pessoa, vítima de impenitente e impertinente chuviscador dessa ordem. Entusiasmado, veemente, arrebatado, falava espumando. O parceiro afastava-se, cautelosamente, para precatar-se do desagradável chuvisco, mas, inultimente, pois o orador aproximava-se, novamente, e por um triz despenhava-se de uma escada de muitos degraus. Livrou-se do acidente; não, porém, das irreverentes cuspidelas e dos milhões de micróbios recebidos!

O perdigoto não é de somenos importancia, como pode parecer aos leigos. Ainda há pouco, um médico e higienista alemão estudou-o, meticulosamente, atribuindo-lhe a responsabilidadē de muitas doenças.

A demonstração da sua novicidade é fácil e convincente: dispostas várias caixas de Petri, contendo um meio gelezado (uma espécie de geleia) em uma mesa ou melhor sôbre um taboleiro, manda se uma pessoa falar a certa distância delas. Defronte de outras faz-se o mesmo, mandando-a tossir. Em ambos os grupos de placas formam-se, dias após, colónias com milhões de germes. As goticulas de origem bronquica são mais ricas em germes, e as placas de Petri, expostas a estas, conteem maior número de colónias do que as expostas aos salpicos de saliva.

Quanto mais alto o individuo fale tanto maior será a quantidade de perdigotos expelidos. Certas particulariedades aumentam essa projecção: um *bonbon* colocado entre a bochecha e a arcada dentária superior, a mal formação dentária, ligeiro interstício entre os dentes da frente ou a falta de um ou mais deles.

Fluegge teve paciência de verificar quais as letras do alfabeto que provocam, ao serem pronunciadas, maior quantidade de perdigotos. Estabeleceu que, para a corrente de ar destacar goticulas de uma superfície humida, é necessário que ela tenha a velocidade minima de 4 metros por segundo. Por meio do aparelho de Gutzmann-Nethlo mediu a velocidade de ar expirado e verificou ser inferior ao algarismo acima, para as vogais *E*, *I*, (o, 5 m) e *U* (2 metros); e mesmo em relação ás consoantes fracas *D* e *B* (2 a 3 metros). Já para as consoantes fortes o resultado é superior: *P* (16 metros), *F* (15 metros), *T* (13 metros), *K* (12 metros), *S* (10 metros), *Z* (9 metros).

Observou ainda a necessidade de levar em conta o tempo preciso para pronunciar a consoante; o *S*, exigindo 1|5 de segundo faz projectar mais perdigotos que o *P* que não requer senão 1|20, embora a velocidade seja de 9 metros, ao invés de 16 metros.

O *S* é, pois, o perdigotista-mór!

Os perdigotos da saliva transportam germes patogénicos das lesões da bôca e das gengivas das pessoas afectadas de estematite ulcerosa, de piorreia alucolar, espirechetas e bacilos fusiformes (Straus). No caso de angina, a saliva contém poucos micróbios causadores dêsse mal, tossindo, porém, o doente projecta milhares dêles, destacados das amigdalas, faringe, etc. É preciso especial cuidado com os perdigotos de indíviduos tuberculosos, diftéricos, pneumónicos, gripados, anginosos, sarampentos, etc., e êsse cuidado deve ser tido em conta, quer quando os perdigotos são projectados ao falar, quer quando ao tossir.

Teus micróbios, meu amigo...

Por tudo o que se deixa dito é que a Liga Portuguêsa de Profilaxia Social aconselha a não se falar à mesa durante o período em que se é servido.

Concurso

A Camara Municipal de Oliveira de Azemeis, faz publico que abre concurso por espaço de trinta dias, a contar da segunda publicação deste anuncio no *Diário do Governo*, para provimento do partido médico composto das freguesias de Fajões, Cesár e Macieira de Sarnes, com o vencimento mensal de quatrocentos e cincoenta escudos, pulso livre e obrigação de tratar gratuitamente os pobres da respectiva área, e demais obrigações legais. Os concorrentes deverão apresentar, na Secretaria da Câmara Municipal, dentro do referido prazo, os documentos legais.

Oliveira de Azemeis, sete de Março de 1934.

O Presidente da Comissão Administrativa,

Alfredo Fernandes de Andrade

Julgado Municipal de Vagos

Editos de 30 dias

2.ª publicação

Por este Juizo e cartório do escrivão respectivo e nos autos de execução hipotecaria em que é exequente João José de Barros, viuvo, proprietário, morador em Salgueiro, freguezia de Sôza, e executados Manuel Pereira e mulher Lucinda Ferreira Nova, agricultores, do referido logar de Salgueiro, correm editos de trinta dias a contar da segunda e ultima publicação, citando aquele Manuel Pereira, agora ausente em parte incerta da cidade de Lisboa, para assistir a todos os termos até final da referida execução e ainda para no praso de dez dias posteriores ao praso dos editos pagar ao exequente a quantia de dois mil escudos, juros legais e mais despesas, sob pena de se proceder á penhora no prédio hipotecado, seguindo-se os demais termos da execução.

Vagos, 3 de Março de 1934.

O escrivão

João Simões Ferreira

Verifiquei:

O Juiz do Julgado

José Reinaldo Calisto Moreira

Comarca de Aveiro

=o=

Arrematação

2.ª publicação

No dia 18 do corrente mez de Março, por 12 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca e na execução sumaria comercial que David Nunes de Oliveira, casado, lavrador e proprietário, morador em Ouca, move contra Maria da Glória de Oliveira Marques, casada, domestica, moradora no mesmo lugar de Ouca se ha-de proceder á arrematação em hasta publica, para ser entregue a quem maior lanço oferecer sobre a sua avaliação, do seguinte predio:

Uma quarta parte de umas casas de habitação, com quintal, no sitio e limite do lugar de Ouca, freguezia de Sosa, avaliado na quantia de 1.000$00.

Por este meio são citados quaisquer credores incertos para assistirem á arrematação e usarem dos seus direitos, querendo.

Aveiro, 7 de Março de 1934.

Verifiquei:

O Juiz de Direito

Melo Freitas

O Chefe da 2.ª Secção da 1.ª Vara,

Júlio Homem de Carvalho Cristo

Comarca de Aveiro

—o—

Arrematação

2.ª publicação

No dia 8 de Abril próximo, pelas 12 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca e no Inventário Orfanologico a que se procede por óbito de José Simões Albergueiro, viuvo, jornaleiro, morador que foi na vila de Vagos, e em que é cabeça de casal Maria Emilia da Conceição, casada, domestica, moradora na vila de Vagos, se há de proceder á arrematação em hasta publica, afim de ser entregue a quem maior lanço oferecer, acima da sua respectiva avaliação, do seguinte prédio:

Umas casas e quintal, na rua Direita, da vila de Vagos, e vai á praça pela quantia de Escudos 14.000$00.

Toda a ciza e despezas da praça são por conta do arrematante.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos para assistirem á arrematação e usarem dos seus direitos, querendo.

Aveiro, 28 de Fevereiro de 1934.

Verifiquei:

O Juiz de Direito da 2.ª Vara,

Melo Freitas

O Chefe da 3.ª Secção da 2.ª Vara,

João António de Morais Sarmento

Vêr a 4.ª página